

0ESP
3/12/95 Pg. A31
56

ÍNDIOS

PF investigará denúncia de tentativa de genocídio

Marcos Mendes/AF 5/9/9

*Indigenista e caciques
são acusados de pôr em
risco vida de índios
ameaçados de extinção*

A Polícia Federal de Rondônia vai abrir esta semana inquérito policial para investigar denúncia de tentativa de genocídio contra os índios da etnia canoê. Eles foram localizados oficialmente pela Fundação Nacional do Índio (Funai) há três meses no sul do Estado. A abertura do inquérito foi solicitada à Superintendência da Polícia Federal pelo chefe do Ministério Público Federal em Porto Velho, procurador Osnir Belice.

Segundo Belice, os acusados são o ex-funcionário da Funai Osni Ferreira e membros da Associação Pamaré do Povo Indígena Cinta-larga. Osni e o cacique cinta-larga Oita organizaram uma expedição não autorizada pela Funai e entraram na aldeia canoê, em Corumbiara, depois que a equipe che-

fiada por Marcelo Santos fez o primeiro contato com o grupo.

Osni, que foi afastado da Funai pela Justiça, acusado de irregularidades e de favorecimento a fazendeiros para a extração de madeira, pretendia provar que os índios haviam sido levados para a área pela própria Funai. "Eles estão abandonados e passando fome", disse na época o cacique Oita, que acompanhou Osni e outros índios cinta-larga à aldeia.

Segundo o procurador, a denúncia que originou o inquérito diz que

Osni colocou índios cinta-larga gripados em contato com os canoê, que ainda não haviam sido imunizados. "Isso poderia levar ao extermínio dos últimos sobreviventes de uma etnia", argumentou Belice. Os canoê foram identi-

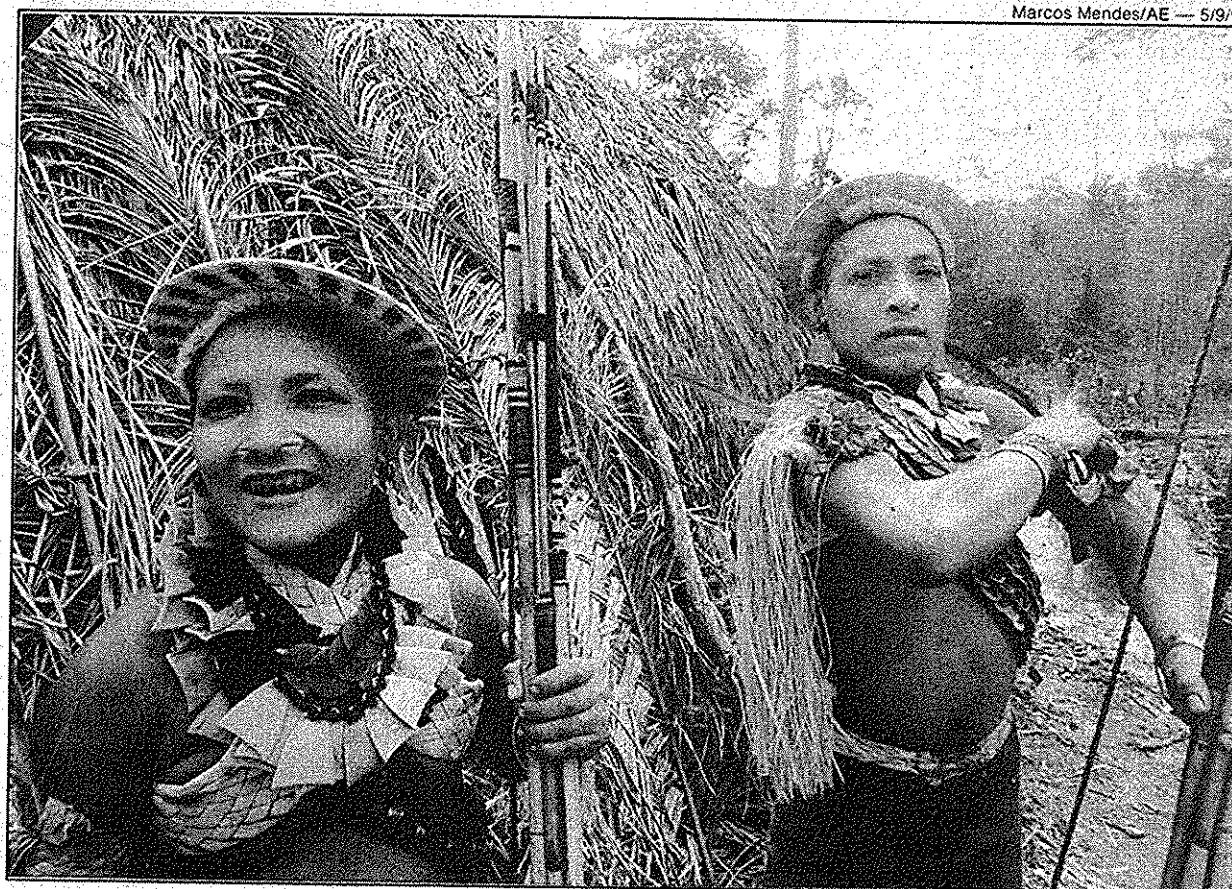
ficados depois do estudo da língua, realizado pelo linguísta Nilson Gaba Júnior, do Museu Paraense Emílio Goeldi, de Belém, e da Universidade da Califórnia (EUA).

Em setembro, dez anos depois de ter encontrado objetos que aponta-

vam a presença de índios isolados na região, a Funai fez o primeiro contato com um grupo de quatro sobreviventes da etnia canoê em uma reserva florestal privada em Corumbiara. Na época, proprietários rurais acusaram o sertanista Marcelo Santos, chefe do Departamento de índios Isolados no Estado, de "plantar" índios nas fazendas para forçar uma reintegração da área.

Em 86, depois que a Funai encontrou vestígios de um grupo de cerca de 30 índios na região, houve a primeira interdição. Os fazendeiros protestaram e, no ano seguinte, a própria Funai liberou a área diante do relatório do indigenista Sidney Possuelo. No documento, Possuelo afirmava não ter encontrado provas que pudessem sustentar a interdição.

O indigenista, hoje diretor do Departamento de Índios Isolados, alega que não encontrou vestígios porque sua expedição foi realizada em momento e em condições diferentes da incursão na selva feita em 85 por Marcelo Santos. Em outubro, Possuelo voltou à área levando uma interdição judicial decretada pelo juiz federal José Carlos do Vale Madeira. A Justiça autorizou a Funai a permanecer na mata. (Pablo Pereira)



Aldeia canoê, em Corumbiara: vírus da gripe poderia matar últimos sobreviventes de uma etnia

CANOÊS
FORAM
IDENTIFICADOS
PELA LÍNGUA